



Universidade Estadual
da Região Tocantina
do Maranhão

CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS, NATURAIS E LETRAS – CCANL, *CAMPUS*
ESTREITO
CURSO DE LETRAS LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS

KÉSIA ANDRÉIA ARRUDA TORRES

**VOZ(ES) QUE CONTA(M) NOSSA(S) HISTÓRIA(S): as narrativas orais como
(re)conhecimento da memória cultural da cidade de Estreito e região**

Estreito-MA
2025

Av. Brejo do Pinto, s/n, Brejo do Pinto, CEP. 65975-000 – Estreito/MA.
C.N.P.J 26.677.304/0001- 81 - Criada nos termos da Lei nº. 10.525, de 03.11.2016





Universidade Estadual
da Região Tocantina
do Maranhão

CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS, NATURAIS E LETRAS – CCANL, *CAMPUS*
ESTREITO
CURSO DE LETRAS LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS

KÉSIA ANDRÉIA ARRUDA TORRES

**VOZ(ES) QUE CONTA(M) NOSSA(S) HISTÓRIA(S): as narrativas orais como
(re)conhecimento da memória cultural da cidade de Estreito e região**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao curso Letras Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa, do Centro de Ciências Agrárias, Naturais e Letras (CCANL), da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL/*campus* Estreito), para obtenção do título de graduação do curso de Letras Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa.

Orientadora: Profa. Me. Susane Martins Ribeiro Silva

Estreito-MA
2025



T689v

Torres, Késia Andréia Arruda

Voz(es) que conta(m) nossa(s) história(s): As narrativas orais como (re)conhecimento da memória cultura da cidade de Estreito e região / Késia Andréia Arruda Torres. – Estreito, MA, 2025.

24 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Letras Português Licenciatura) – Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão – UEMASUL, Estreito, MA, 2025.

1. Narrativas orais. 2. Identidade. 3. Cultura. I. Título.

CDU 82-31

*Ficha Catalográfica elaborada por **Beatriz Araujo Serra** – Bibliotecária CRB 13/1002*






KÉSIA ANDRÉIA ARRUDA TORRES

VOZ(ES) QUE CONTA(M) NOSSA(S) HISTÓRIA(S): as narrativas orais como (re)conhecimento da memória cultural da cidade de Estreito e região


Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca examinadora da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão – UEMASUL/Centro de Ciências Agrárias, Naturais e Letras (CCANL), para obtenção do título de graduação do curso de Letras Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa.

Aprovado em: 17/01/2025


BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 SUSANE MARTINS RIBEIRO SILVA
Data: 02/02/2025 19:58:14-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Ma. Susane Martins Ribeiro Silva (Orientadora)
Mestra em Letras
Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão

Documento assinado digitalmente
 ADILSON GUIMARAES JARDIM
Data: 08/02/2025 09:11:36-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Me. Adilson Guimarães Jardim (Examinador)
Mestre em Letras (Estudos Literários)
Universidade Federal de Pernambuco

Documento assinado digitalmente
 LAIS DE OLIVEIRA SENA
Data: 30/01/2025 16:12:37-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Esp. Laís de Oliveira Sena (Examinadora)
Especialista em Língua Portuguesa e Literatura Aplicada ao Ensino
Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão





RESUMO

Como objeto ancestral na cultura humana, as narrativas, dentre outras funções, servem para transmissão de conhecimento. Tratando-se de uma comunicação rotineira, a narrativa configura-se como um elemento partícipe de um discurso falado, desempenhando um papel importante na construção da identidade de uma cidade e através de várias maneiras, como a preservação da história e cultura, em que são passadas oralmente de geração em geração, mantendo assim tradições e costumes, bem como eventos históricos, na qual muitas vezes podem não estar documentados, ou seja, ajuda a preservar a memória coletiva (comunidade). Algo de suma importância é a transmissão de valores e saberes, na qual essas histórias orais são veículos para a transmissão de valores e conhecimentos práticos que moldam o comportamento e a visão de mundo dos indivíduos que fazem parte da comunidade. Partindo dessas premissas, apresentamos e analisamos a história da cidade de Estreito e região a partir de seus nativos e moradores antigos, observando como a história e a cultura de um lugar nasce e preserva-se por meio dessas narrativas. A pesquisa está encorada a partir dos preceitos sobre narração segundo Benjamin (1994), Propp (1984), dentre outros que se fizerem necessários, evidenciando como as narrativas orais são necessárias para a construção e manutenção da identidade de uma cidade, conectando o passado ao presente e unindo os habitantes em torno de uma história e cultura compartilhadas.

Palavras-Chave: Narrativas orais; Identidade; Cultura.





ABSTRACT

As an ancestral object in human culture, narratives, among other functions, serve to transmit knowledge. Being a routine communication, the narrative is configured as a participating element of a spoken discourse, playing an important role in the construction of a city's identity and through various ways, such as the preservation of history and culture, in which they are passed down orally from generation to generation, thus maintaining traditions and customs, as well as historical events, which may often not be documented, that is, it helps to preserve collective memory (community). Something of utmost importance is the transmission of values and knowledge, in which these oral stories are vehicles for transmitting values and practical knowledge that shape the behavior and worldview of individuals who are part of the community. Based on these premises, we present and analyze the history of the city of Estreito and region from its natives and ancient residents, observing how the history and culture of a place is born and preserved through these narratives. The research is based on the precepts about narration according to Benjamin (1994), Propp (1984), among others that are necessary, highlighting how oral narratives are necessary for the construction and maintenance of a city's identity, connecting the past to the present and uniting inhabitants around a shared history and culture.

Keywords: Oral narratives; Identity; Culture.





AGRADECIMENTOS

A Deus e à Nossa Senhora, que tornaram essa jornada possível.

À minha orientadora, Prof.^a Me. Susane Martins Ribeiro Silva, pela dedicação, orientação e apoio incansáveis durante todo o desenvolvimento deste trabalho.

Aos meus pais, Maria da Conceição e Alexandre, pelo amor incondicional e apoio constante em minha jornada.

A uma grande amiga, Susana, que assim que soube que eu havia passado no vestibular, muito me incentivou e ajudou.

À Jaqueline, diretora do colégio em que eu trabalhei, muito me apoiou. Aos professores Reginalva Alves e José de Alcântara, que foram grandes fontes de inspiração durante o ensino médio, meu sincero agradecimento pela dedicação e exemplo. Silmara Amaral, Edivan Oliveira e toda a equipe do colégio João Pereira Martins Neto, na qual tive honra de estagiar, e fui surpreendida com tantos ensinamentos que levarei para vida toda.

Ao Prof. Dr. Rogério Fernandes, cuja motivação e incentivo foram essenciais para o meu crescimento acadêmico, na qual fez eu me apaixonar por Machado de Assis e ainda mais pela literatura brasileira.

Aos meus amigos da turma “Primogênitos”, que no início da jornada fomos nos ajudando e não deixamos ninguém desistir, especialmente à querida amiga Brenda Lee, com quem iniciei minha trajetória na Iniciação Científica e juntas fomos descobrindo esse universo acadêmico. O importante elo formado pela “panelinha” da UEMASUL, composta por Ester, Tancredo, Edmilson, Brenda Smithelly, Hellen e eu, que, diante de inúmeras dificuldades, nunca desistimos e tornaram a trajetória mais leve. Assim também como grandes amigos incentivadores de outros períodos, como Eliérika, Jeferson e Marcos Vinicius que sempre tinham uma palavra para me encorajar. Jéssica, nossa querida bibliotecária, constantemente me incentivando e dando os melhores conselhos. Não posso deixar de mencionar também as professoras Dra. Daniela Jaqueline, Esp. Laís Sena, Me. Daiane Bezerra e Dra. Weigma Michely, cujas contribuições enriqueceram este trabalho e minha formação. Sem esquecer daqueles que abriram as portas de suas casas, doaram seu tempo, rememoraram o passado e me mostraram um dos atos mais lindos e ricos que podemos ter na vida: contar histórias.

A todos, meu mais sincero agradecimento.





SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. NARRATIVAS ORAIS E PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA DE ESTREITO	9
1.1 “Ceará do Povo”: o primeiro prefeito de Estreito	10
1.2 “Manoelsinho do Didico”: figura ilustre	11
1.3 Pedro Pihazê: escritor que poetiza a cidade	12
2. IMPORTÂNCIA DA MEMÓRIA CULTURAL NA CONSTRUÇÃO DE ESTREITO	13
2.1 Personalidades que construíram a cidade: Frei Gil, Janira Tavares e os moradores Sebastiana Brito e Luiz Borges	13
2.2 Lendas que circundam a cidade: o “Pote de Ouro”	14
2.3 História popular: Boiuna sob a perspectiva dos indígenas Kariú Kariri	16
3. VOZ QUE CONTA MINHA HISTÓRIA	17
CONSIDERAÇÕES FINAIS	18
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	20
ANEXOS	21



INTRODUÇÃO

As narrativas orais são instrumentos de preservação da memória de um povo e de um lugar. Para isso, o fortalecimento do sentimento e afeto com a comunidade também é despertado, pois as narrativas criam, de certa forma, um senso de pertencimento e identidade coletiva; então, ao compartilhar as histórias comuns, ou de algum conhecido e até mesmo parente próximo, os moradores desenvolvem um vínculo mais forte uns com os outros e com a cidade (Hanke, 2003).

Há também a promoção do turismo e interesse histórico, na qual se trata das narrativas envolventes sobre a história e os personagens de uma cidade podem atrair turistas e estudiosos, contribuindo para o desenvolvimento da economia, bem como a manutenção do patrimônio cultural. Desse modo, as narrativas orais são necessárias para a construção e manutenção da identidade de uma cidade, conectando o passado ao presente e unindo os habitantes em torno de uma história e cultura compartilhadas.

O trabalho foi realizado por meio da conversa com grandes personalidades, moradores que estão desde o início da cidade de Estreito, região tocantina do Maranhão, na qual ficaram felizes em lembrar e compartilhar suas experiências vividas na cidade, pessoas que foram importantes em suas vidas, bem como histórias populares que seus avós contavam. Especificamente, se utilizou de gravações de vídeo, voz e anotações escritas dessas entrevistas realizadas, os entrevistados expressaram um profundo orgulho ao compartilhar suas trajetórias e experiências.

1. NARRATIVAS ORAIS E PRESERVAÇÃO DA HISTÓRIA DE ESTREITO

Na atualidade, a cultura da transmissão de narrativas por meio da oralidade em certos lugares está cada vez mais raras, embora ainda haja sua presença, principalmente em regiões interioranas, em que ocorre uma proximidade maior da população.

A arte de contar histórias está morrendo, e com ela se perde a capacidade de vivenciar o mundo em sua totalidade. A narrativa oral, que antes se transmitia de boca a ouvido, estava repleta de experiências, de visões do mundo e de sabedoria adquirida, transformando o narrador em um mediador entre o passado e o futuro. (Benjamin, 1994, p. 56)

Nessa citação, Benjamin (1994) trata sobre a perda da tradição oral que reflete no impacto dessa mudança na experiência humana. Para ele, esse alguém que narra é capaz de transmitir não somente histórias, mas também contribuir com suas experiências e sabedoria, deixando ensinamentos para as próximas gerações.



1.1 “Ceará do Povo”: o primeiro prefeito de Estreito

Para entendermos melhor essa história e a relação com Vilmar Siebra, precisamos voltar ao século XIX, em que alguns viajantes passavam e admiravam a beleza do rio Tocantins, observando que ali formava-se um pequeno canal, por isso a origem do nome da cidade. Alguns grupos de moradores então foram formando-se, de modo que começaram a construir um povoado, pois notaram que havia condições de ali se estabelecerem. Com o surgimento do povoado, a movimentação aumentava, porém ganhava maior visibilidade quando alguns comerciantes passaram e decidiram residir, sendo eles Virgílio Franco e Antônio Marinho.

Partindo para a emancipação de Estreito, em 1948 se tornou vila e não mais povoado, sendo subordinado vila de Carolina que até então era considerada grande e próspera por sua grande movimentação. Após passar a ser vila, Estreito também ganhou o nome de “Paranaidji”, nome indígena que significa “um lugar de limo”, ou seja, uma espécie de alga que se forma no fundo dos mares e rios. Após o Brasil passar por percalços, a vila foi se desenvolvendo, e o então presidente Getúlio Vargas é homenageado e, por meio de uma lei estadual, a vila é emancipada, finalmente se tornando cidade, porém com o nome Presidente Vargas.

Em 1955, cada vez mais ganhando espaço e desenvolvimento, os moradores puderam escolher os seus representantes por de uma eleição, sendo o primeiro prefeito da então Presidente Vargas, tomando posse no dia 05 de fevereiro de 1956 Alexandrino Silveira Milhomem, juntamente com nove vereadores eleitos. A prefeitura funcionava no bairro Brejo do Pinto e a Câmara dos vereadores na Fazenda Serafim, na época propriedade de um dos vereadores, Sinésio Abreu.

No dia 10 de janeiro de 1958, o Supremo Tribunal Federal decidiu que a lei que criou o município de Presidente Vargas era inconstitucional, então, o que antes era cidade, retorna para sua posição de vila de Carolina, cidade integrante da região tocantina do Maranhão. Após alguns anos, Valmir Siebra Vilar, carinhosamente chamado de “Ceará”, comerciante (vendedor de relógios), havia sido vereador por mais de um mandato e foi vice-prefeito em Carolina. Ele, então liderando o povo, luta e reivindica a realização de um plebiscito e, finalmente, em 12 de maio de 1982, Estreito se torna cidade. Valmir foi eleito o primeiro prefeito nesta segunda emancipação da cidade.

“Ceará” relata que, quando chegou na cidade, havia somente dois carros, não havendo muitas casas construídas. Então realizou um trabalho árduo de fazer um levantamento das pessoas e dos povoados da zona rural para assim conseguir melhor administrar e beneficiar a população.



Quando eu vim para cá para Estreito, aqui só tinha 3 carros, com o meu. Ajudei muita gente, quando eu me tornei prefeito, levei comida pro povo. Eu consegui cirurgia para eles também, que naquele tempo tudo era mais difícil, mas eu consegui. O deputado Davi Alves, os governadores Cafeteira e o Lobão me ajudaram muito aqui no início. Sou muito feliz por ter ajudado no crescimento de Estreito. (Ceará do Povo, 2024)

Davi Alves Silva foi um grande aliado de “Ceará”, pois muito contribuiu para a compra de alimentos para os moradores. Também contou com o apoio de Luís Rocha, que atendeu o pedido de “Ceará”, asfaltando a estrada de Estreito para Carolina. Valmir externa sua gratidão em poder ajudar o povo que até os dias atuais também são gratos pelos atos de “Ceará”, que, enquanto prefeito, procurava ajudar a população, ouvir e garantir melhorias de vida para todos.

A esposa de Ceará, Sebastiana Vilar, se tornou dona do Cartório do 1º ofício em Estreito, com o qual ambos conseguiram dar melhores condições para seus filhos, construindo grandes patrimônios, sendo que alguns dos filhos também estão no meio político, como por exemplo Amaral Vilar, Walmir Vilar, William, Nicodemos e Maria Darc.

1.2 “Manoelzinho do Didico”: figura ilustre

Manoel Pereira Gomes, popularmente conhecido como “Manoelzinho do Didico”, relatou que muito contribuiu para o desenvolvimento da cidade de Estreito. Manoel conseguiu transportar várias pessoas da zona rural, como Brejo da Ilha, Luiz Rocha e Vitória para a cidade, com o objetivo de conseguirem votar no plebiscito em 1982. No ano de 1985, ele e sua família passaram a morar na cidade de Estreito após 32 anos morando na zona rural, buscando assim melhores condições de estudos para seus familiares, priorizando os estudos de seus filhos, já que Manoel não teve acesso ao ensino superior.

Assim que chegaram na cidade, abriram um empreendimento, um comércio em que foi considerado o segundo maior comércio na época, ativo por dezesseis anos. Seu objetivo sempre foi em ajudar as pessoas. Foi vereador e atualmente apoia candidatos em suas campanhas, tratando como prioridade o bem-estar do povo estreitense.

Manoel também compartilhou as grandes personalidades importantes para o desenvolvimento da cidade, na qual teve oportunidade de conhecer e trabalhar junto, bem como o governador Luís Rocha, o governador Virgílio Franco, em que muito ajudaram no crescimento de Estreito. Outra personalidade que Manoel aprecia é o Dr. João Duarte, popularmente conhecido como Dr. João, conhecido também por sua assistência médica e atenção que oferecia aos pacientes, considerando que a época não havia outros médicos



presentes, havia também um farmacêutico Pedro Cruz que, juntamente com Dr. João, prestava assistência aos moradores.

O Sr. Manoelzinho compartilhou seus feitos para a população, atos esses que jamais foram esquecidos pelo povo, como por exemplo a mudança de vários moradores para o Residencial Newton Coelho, ou também para casas populares. Manoel ajudou mais de sessenta e duas famílias com suas mudanças e deslocamento para as casas populares, gesto esse que muitos moradores ainda se recordam, são gratos e depositam sua confiança. Outro gesto que muito favoreceu em especial a zona rural foi um projeto do Manoelzinho juntamente com o então deputado estadual José Carlos da Caixa, que foi possível a entrega de tratores, grades niveladoras, além de 150 kits do trabalhador, dentre outros materiais para os moradores.

Eu ajudei muitos moradores daqui de Estreito, para o plebiscito mesmo eu transporte muita gente no meu carro, para que eles votassem. Em 85, assim que eu vim para cá, para Estreito com minha família, eu tinha um comércio que na época foi considerado o segundo maior comércio da cidade. Eu também ajudei na mudança de muita gente para o residencial Newton Coelho, eu fico feliz em já ter ajudado e em ajudar o povo da cidade, gosto daqui. (Manoelzinho, 2024)

Manoel é muito querido pela população estreitense, sobremaneira aqueles que tiveram sua assistência e olhar sensível, os menos favorecidos que por meio dele viram esperança em seu cuidado. Segue sendo muito respeitado, feliz e grato por tudo que construiu, agora priorizando mais sua família, muito orgulhoso por ter conseguido formar todos os seus filhos, sendo eles Keila Mota Gomes de Sousa, Isânio Pereira Paixão, Isa Pereira Paixão e Karina Pereira Paixão, tendo ao lado também sua amada esposa Orcilene Teres Paixão.

1.3 Pedro Pihazê: escritor que poetiza a cidade

Pedro Ribeiro, sendo mais conhecido como Pedro Pihazê, compartilhou muitos relatos de suas histórias e trabalhos em Estreito. Pedro é escritor, já publicou dois livros e atualmente está escrevendo seu terceiro livro, sendo sua maior paixão histórias e curiosidades de Estreito e região, apaixonado por suas origens.

Ao longo da conversa realizada com ele, o escritor relatou alguns acontecimentos históricos bem como o primeiro colégio a ser construído em 1954. Estreito ainda se chamava Presidente Vargas e ainda estava vinculada ao município de Carolina. Pedro nos conta sobre a época que as catalinas desciam o rio Tocantins transportando mercadorias, apontando o primeiro comerciante a chegar em Estreito em 1973, Virgílio Franco.

Quando eu cheguei aqui, Késia, eu me lembro que tinha dezessete casas. Também vi descer as catalinas no rio Tocantins, transportava carne, cimento. Eu lembro que na Avenida Santos Dummont foi base militar aeronáutica em 70 na guerrilha do



Araguaia. Minha danceteria Pihazê fez muito sucesso na época, em 83, ela ficava onde hoje é o banco da Amazônia. (Pedro Pihazê, 2024)

Também se recordou dos momentos em que os aviões começaram a pousar na Avenida Santos Dummont, bem como a importância da BR-138 para o desenvolvimento da cidade de Estreito. Pedro, em 1983, criou uma danceteria chamada Pihazê, que posteriormente passou a ser seu nome pseudo-sobrenome. Pihazê também citou muitos nomes de personalidades que foram importantes, sobretudo na área da educação, como por exemplo professora Benedita, o Frei Gil, que também contribuiu na educação.

Uma curiosidade sobre o escritor é sua criatividade para escolher os nomes dos seus filhos, sempre fazendo referência a um país, local, sendo eles três, cujos nomes são Darnubian, Avanalba e Daran. Pedro muito se orgulha de seus filhos e netos, em cada momento expressa orgulho de suas origens.

2. IMPORTÂNCIA DA MEMÓRIA CULTURAL NA CONSTRUÇÃO DE ESTREITO

Considerando a menção de personalidades que muito contribuem para a memória cultural de Estreito, suas narrativas nos ajudam a compreender a formação da cidade, as tradições e os hábitos citadinos, não deixando de lado suas memórias individuais e coletivas que alicerçam a história do lugar. Partindo desse pressuposto, apresentamos nessa seção essas personalidades.

2.1 Personalidades que construíram a cidade: Frei Gil, Janira Tavares e os moradores Sebastiana Brito e Luiz Borges

No dia 15 de maio de 1960, chegou em Estreito, sendo ainda vila de Carolina, o Frei Gil Dante Galerín Rovato. O Frei foi o primeiro padre de Estreito, morou na cidade por mais de quinze anos, organizou festejos, construiu a famosa Igreja Matriz (Paróquia São Sebastião). Para entendermos melhor seus trabalhos, também podemos conhecer a história de Janira Tavares, carinhosa chamada por “Teacher”, pois foi professora de língua inglesa de muitos moradores de Estreito.

Janira nos conta que no ano de 1968, ela estava estudando no terceiro ano no Salão dos Jovens, que também era uma capela e sala de aula, ainda de madeira. Por volta do início do segundo semestre do ano, o Frei Gil começou a construir algumas salas com tijolos, mas sempre com o objetivo de construir a igreja com tijolos também. Assim que as salas ficaram prontas, Janira e sua turma foram para as novas salas. Posteriormente, o foco maior de Frei Gil foi a



construção da igreja, contou com a ajuda dos alunos, que trabalhavam no contraturno. Os meninos, com o auxílio de um jumento, iam até a olaria pegar os tijolos para a construção da igreja, enquanto as meninas aguardavam a chegada deles para descarregarem os tijolos.

Janira se recorda da educação daquela época e para os alunos prosseguirem até o ginásio, hoje sendo os Anos Finais do Ensino Fundamental (precisamente sexto ano), eles deveriam fazer um exame de admissão, estudando várias matérias e até redação. Nessa fase em que os alunos estavam um pouco maiores, o exigia mais deles, como por exemplo, o uniforme impecável, das exigências do Frei, os sapatos eram feitos em uma sapataria que o Frei havia escolhido, onde o emblema da escola era encomendado.

Janira se recorda também que Frei Gil chamava as professoras e alunos para venderem a imagem de Nossa Senhora da Boa Viagem no Posto Fiscal, pois paravam muitos caminhoneiros no local; com o dinheiro das vendas, eles compravam materiais para a construção da igreja. Então, com muita luta e trabalho árduo, a igreja finalmente foi construída, reunindo assim muitos paroquianos no Festejo de São Sebastião. Janira se recorda de seu pai que, para contribuir no festejo, sempre doava uma leitoa para a festa.

Depois de se formar em Letras, Janira trabalhou na cidade de Carolina, quando Estreito ainda era vila. No entanto, quando houve o plebiscito, Janira começou a trabalhar em Estreito, sendo uma profissional muito admirada e querida pela população, não esquecendo de seus trabalhos na igreja que desde criança ajudou a construir.

Eu me lembro que na época, eu era menina, mas o Frei Gil era muito organizado e exigente, os alunos tinham que usar o uniforme tudo igual, padrão com o emblema da escola, era feito todo em um mesmo lugar, os sapatos eram na sapataria. que a gente tinha que mandar fazer. E para gente ajudar na construção da igreja, se estudava de manhã, ajudava a tarde, se estudava a tarde, ajudava de manhã. Os meninos iam pegar tijolo da olaria, e as meninas ficavam esperando para descarregar. Era cansativo, as vezes, mas era bom, fico muito feliz em ter ajudado na construção da igreja matriz. (Janira Tavares, 2024)

Como importantes moradores estreitenses, Sebastiana e Luiz, no ano de 1990, saíram da zona rural do município de Feira Nova em busca de melhorias na cidade de Estreito, trazendo seus seis filhos ainda crianças para que pudessem ter acesso aos estudos. Luiz, assim que chegou, começou a vender laranja e os filhos também o ajudavam, enquanto Sebastiana fazia serviços de corte e costura.

Ela relata que assim que chegaram na cidade, só havia cinco casas de um lado da rua e outras quatro do outro lado (a maioria do espaço eram pastos). Eles até conseguiram alguns gados, que muitas vezes os filhos, quando saíam da escola, tinham o dever de pastoreá-los.



Minha fia, olha eu me lembro da época que eu cheguei aqui com o Luiz, assim que a gente chegou tinha pouca casa, foi em 90. Teu vô (Luiz) vendia laranja com os meninos, o Tancredo, o Idoelson ajudavam ele. Depois de um tempo a gente conseguiu uns gados, aí no final de semana os meninos iam olhar os gados, a Maria dava comida para os meninos lá no posto Minas Gerais, porque os pastos ficava para lá. Teve também o roubo dos gados por conta do vaqueiro da época, roubou os nossos gados e de um monte de gente também, teve audiência na época, mas não resolveu nada. A gente trabalhou muito, até que o Luis conseguiu os carvão para gente vender, e os meninos foram aprendendo ensacolar eles, e vender também aqui de casa. (Sebastiana Brito, 2024)

Luiz e outros moradores caíram no golpe de um vaqueiro e perderam seus gados, mas por tudo ser mais difícil naquela época, não conseguiram recuperar. Após alguns anos, Luiz Borges começou a vender carvão que ele mesmo e seus filhos organizavam em casa as quantidades adequadas para venderem.

2.2 Lendas que circundam a cidade: o Pote de Ouro

O ato de contar histórias, mitos e lendas não é só para entreter, ou causar medo, porém ocorre a transmissão de saberes, uma espécie de ponte entre o passado e o presente, bem como seu próprio reconhecimento da identidade. Vladimir Propp, na obra *Morfologia do Conto Folclórico* (1984) afirma:

A narrativa popular, a história contada de geração em geração, é um elemento essencial da cultura humana, uma ponte entre o passado e o presente. Ela mantém a memória coletiva de uma sociedade, transmitindo de forma simbólica e estruturada os valores, mitos e normas que regem as relações sociais. (Propp, 1984, p. 45)

Nessa colocação, Propp (1984) propôs aos leitores e estudiosos uma espécie de análise das estruturas narrativas populares, enfatizando como essas histórias populares refletem nas condições sociais e culturais de um povo, comunidade, sendo um veículo de preservação. Valorizando os mitos, lendas, histórias “que o povo conta”.

Na época em que não havia bancos para depositarem o dinheiro, quando os grandes fazendeiros e donos de posses recebiam uma quantidade elevada e não tinham local exato e seguro para guardar, eles alocavam-no em potes de barros e enterravam, nascendo assim a lenda dos dinheiros enterrados. Um desses locais de dinheiros enterrados em Estreito foi na Fazenda São Firmo, região do famoso Rio Itaueira.

Moradores afirmam que não conseguiam dormir, pois escutavam barulhos estranhos, luzes fantasmas de todos os lados e, nas madrugadas de sexta para sábado o barulho aumentava; o local então era abandonado, pois ninguém tinha coragem de passar a noite na velha casa da fazenda.



No entanto, apareceu um sujeito corajoso e foi passar a noite no local só para ver se era isso tudo que o povo falava. Ele não conseguiu passar a noite, saiu correndo em busca de ajuda e afirmou ouvir vozes ensinando para ele onde tinha pote de dinheiro enterrado. Lhe pediram também que fizesse isso, pois também atrapalhava o descanso deles no local.

Diziam que o pote de dinheiro estava entre duas árvores no pátio da fazenda, então bastava cavar e pegar; no entanto, deveria ser à noite e ir sozinho. O homem então não fez como foi pedido, pois levou dois companheiros com ele e foi no período da tarde; apenas chegaram no local e cavaram, porém, não encontraram nada.

Moradores contam que, próximo à cidade de Estreito, em São Raimundo das Mangabeiras, durante o asfaltamento da MA-375, um operador de trator estava tentando derrubar duas árvores quando viu um pote com moedas de ouro e prata entre elas. No momento em que ele foi derrubar as árvores, surgiu uma criatura pequena lhe pedindo para não derrubar sua morada. Essa criatura então ensinou ao operador como retirar o pote de moedas que lhe atrapalhavam. O operador decidiu considerar o que a criatura lhe falou, executando da maneira que lhe foi instruída.

Desse modo, ele conseguiu ter sucesso ao retirar o tesouro. Algumas pessoas afirmam que as árvores não foram derrubadas e, no local, ficou um formato de pote aberto durante muito tempo. Os primeiros que chegaram no local pela manhã afirmam que ainda viram moedas antigas e que, ao encontrar o tesouro, você deve deixar uma pequena parte, pois isso é um requisito para que se leve a maior parte.

2.3 História popular: *Boiuna* sob a perspectiva dos indígenas Kariú Kariri

Paulo Freire, na obra *Pedagogia da esperança*, (1992), nos fala que o conto como expressão oral de um saber popular é uma das formas de se realizar a libertação da palavra e a democratização do conhecimento. Contar histórias é, antes de tudo, um ato de resistência. É possível perceber que Freire (1992) valoriza a narrativa oral como uma forma de resistência e uma ferramenta primordial para a democratização de conhecimento, tendo em vista que o conto, enquanto uma expressão oral e popular, representa uma das formas mais legítimas de transmissão de conhecimento, pois quando uma história é contada de maneira oral, ela também valoriza e preserva as experiências vividas daquele que conta.

Lidiane Alves, com seu nome de língua Adju Kariú, compartilhou suas memórias das histórias contadas pela sua mãe e avó. A história marcou a infância de muitas crianças na década de 80 e 90 até os anos 2000. por mais que esse costume de contar história da Boiuna esteja se



perdendo, Lidiane afirma que seu povo ainda segue essa tradição de contar histórias para as crianças, como forma de manutenção da cultura da oralidade e para que essa identidade não seja perdida.

Késia, o meu povo tem esse costume né de contar histórias, e minha mãe me contava. Minha vó também. Constava várias histórias, mas essa da cobra encantada, era a que mais se contava para nós e para as crianças. Porque para nós é importante, esse costume, como forma de manutenção dessa cultura da oralidade. (Adju Kariú, 2024)

Dizem então que essa história surgiu por conta de uma mulher que teve uma criança, porém não a queria e jogou-a no rio Tocantins. A criança então se encantou em cobra, ou seja, se transformou em uma cobra enorme. Desde então, quando as pessoas se afogam e desaparecem no rio, é contado que, na verdade, a cobra puxou-as para o fundo do rio, como se estivesse protegendo o local.

Alguns pescadores e mergulhadores também já afirmaram ter visto a cobra. Adjú relatou que, certa vez, seu tio pulou da ponte, não morreu, mas quebrou sua perna, e está vivo porque a Boiuna o salvou de um fim trágico.

Lidiane compartilhou também que seu povo procura sempre garantir essa tradição de contação de histórias e que, para eles, Boiuna não é só um mito, é mais que uma simples história, a história de sua identidade e de seus antepassados.

3. VOZ QUE CONTA MINHA HISTÓRIA

As narrativas orais apresentadas nesse trabalho não se tratam somente de contação de histórias, são muito mais que isso, mais que histórias compartilhadas entre gerações, pois elas refletem o coração pulsante e a alegria de rememorar as histórias de Estreito.

Durante as entrevistas realizadas com essas personalidades emblemáticas, fiquei muito feliz em conversar e ouvir cada história, porque, de certa forma, é como imergir em uma riqueza de vivências. Há uma lista imensa com nomes de pessoas que eu gostaria muito de ouvir, no entanto, por questões de deslocamento e saúde de alguns, com o coração apertado eu reduzi a lista, mas acredito que todo o aprendizado com estes que eu tive a honra de conversar, farei o possível para encontrar os outros em breve. Eu senti que cada relato contado carrega um testemunho de superação, empatia e amor pela cidade, assim como a vontade de procurar melhorias para a família. São histórias únicas e inspiradoras. Como não se emocionar ao ouvir a história de Valmir Siebra, o primeiro prefeito de Estreito, que muito lutou para que a cidade fosse emancipada e garantisse melhores condições para os habitantes? Ou com as histórias de Manoelzinho, que também contribuiu na política de Estreito, bem como garantiu melhores condições para muitos trabalhadores da zona rural, sem esquecer que priorizou a educação e o bem-estar da comunidade? O que falar da alegria e entusiasmo de Pedro Pihazê, do qual possui uma paixão imensa pelas origens locais, por sua cidade e região, que se traduz em suas obras literárias e em sua busca incansável por registrar a memória histórica e cultural da cidade? Janira, que tanto se orgulha por ter ajudado na construção da igreja Matriz? E a lenda da Boiúna e o costume de contar histórias que o povo de Lidiane possui? E o que dizer



do relato de moradores que não são popularmente conhecidos, mas que assim como vários outros tiveram que lutar muito em busca de melhorias, como a história dos meus avós, Sebastiana Brito e Luiz Borges? Nesta pesquisa, busquei honrar essas vozes e enfatizar a relevância da preservação dessas narrativas orais. Ao ouvir cada história contada e recordar tempos de descoberta, alegria, lutas, eu vi o brilho nos olhos de cada entrevistado, e com certeza meu coração ficou aquecido ao ouvi-las, experiência essa que irei levar para minha vida toda, assim como cada conselho que essas pessoas me deram. Que esse trabalho sirva de incentivo para que outros continuem contando e preservando essas histórias. (Késia Torres)

Todos esses depoimentos mostraram que não se trata apenas da trajetória de Estreito, mas todo o desenvolvimento estrutural e econômico, que reforçam os laços comunitários e o senso de pertencimento entre os moradores. As palavras dessas pessoas queridas ressoam como chamado à valorização de nossas raízes, recordando que cada tijolo colocado, casa construída, escola, árvore plantada, cada história relatada e gesto de generosidade contribuem para a construção dessa identidade coletiva, muito rica e inspiradora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa reconhece e valoriza pessoas que muito favoreceram na construção da cidade, entendendo que as narrativas orais proporcionam o acesso a um campo fascinante de reflexões e rememoração da história do povo e da cidade de Estreito e região, sobremaneira para quem de fato compreende o rico papel que ela desempenha na democratização do conhecimento.

Ela permite de certa forma uma experiência que não alcançaríamos de outro modo, possibilitando formular problemáticas que ocorreram e ocorrem, pois narrar essas experiências vividas também reproduz algo que passou, ou seja, torna o passado algo presente.

Em Estreito, as narrativas orais não possuem somente o papel de relembrar os acontecimentos históricos, no entanto, exalta personalidades locais que tiveram sua importância e impacto significativo na formação e desenvolvimento da cidade, como por exemplo os líderes comunitários, artistas locais, trabalhadores e outras figuras de destaque, em que são lembrados por meio dos relatos que na maioria das vezes refletem valores de coragem, solidariedade e características primordiais para a construção da identidade local.

Essas figuras são eternizadas e se tornam símbolos de um patrimônio imaterial que tem o importante papel de transcender o tempo, possibilitando a conexão os habitantes de Estreito com as suas raízes e o orgulho de sua história.

Desse modo, as narrativas orais reforçam os laços comunitários, tornando possível que a população reconheça de fato seu pertencimento a uma cultura comum, na qual ultrapassa as gerações. Em um mundo cada vez mais globalizado e com avanços tecnológicos, as narrativas





orais proporcionam uma resistência valiosa contra o apagamento cultural, sobretudo nessa região em que não há muitos projetos culturais que registram tais narrativas e histórias.

Portanto, o investimento na preservação e transmissão dessas narrativas orais, por meio de iniciativas culturais que se proponham a resguardar essa parte da história, valorizando suas raízes enquanto se abre espaço para o futuro.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. In: **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre Literatura e História da Cultura – Volume 1. Série Obras Escolhidas. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**: Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

HANKE, Michael. **Narrativas orais**: formas e funções. *Contracampo*, v. 9, p.117-126, 2003.

PROPP, Vladimir I., 1895-1970. de Livros. **Morfologia do conto maravilhoso**. Trad. Jasna Paravich Sarhan; Organização e prefácio de Boris Schnaiderman. - Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 1984.





ANEXOS





Foto 1: “Ceará do Povo” e sua esposa, Sebastiana Vilar, em sua residência.
Fonte: Acervo pessoal.



Foto 2: Valmir e Sebastiana apresentando a galeria de fotos.
Fonte: Acervo pessoal.



Foto 3: Lidiane Kariú
Fonte: Acervo pessoal.



Foto 4: Ponte sobre o Rio Tocantins em Estreito/MA
Fonte: Acervo pessoal.



Foto 5: Igreja Matriz sendo construída
Fonte: Acervo pessoal.



Foto 6: Janira (Teacher)
Fonte: Acervo pessoal



Foto 7: Frei Gil
Fonte: Acervo pessoal.





Foto 8: Sebastiana Brito
Fonte: Acervo pessoal.



Foto 9: Manoelsinho
Fonte: Acervo pessoal.



Foto 10: Pedro Pihazê
Fonte: Acervo pessoal.